



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Balanço das artes em 2024 - I

Um balanço do ano pode ser feito sob muitas perspectivas. Em geral, esta coluna faz um levantamento dos espetáculos apresentados na cidade, durante a temporada. Neste ano, contudo, prefiro trazer ao leitor uma primeira coluna que relembre acontecimentos importantes, bons ou maus, a começar, claro, pela enchente de maio e junho. O episódio, de certo modo, desestruturou toda a programação artística, aqui compreendida a das artes cênicas.

Tivemos uma série de espaços culturais invadidos pelas águas. Dentro da responsabilidade municipal, o Centro Municipal de Cultura, abandonado na gestão anterior de Nelson Marchezan, acabou definitivamente prejudicado com as águas que invadiram inclusive casas de máquinas daqueles dois teatros, o Renascença e o pequeno espaço de câmara ali existente.

Também a Usina do Gasômetro, que vive uma novela mexicana para a conclusão de suas obras, teve de ser refeita em muitos aspectos. E quando recebeu seu primeiro grande evento, a posse do próprio prefeito municipal, teve a energia cortada, por força de um temporal, em mais um episódio que envolve a incompetente e pouco responsável empresa que assumiu o fornecimento de energia elétrica em nossa Capital.

No âmbito dos espaços atinentes ao governo do Estado, a Casa de Cultura Mário Quintana foi fortemente danificada em toda a sua estrutura e, por consequência, em seus dois teatros, o Carlos Carvalho e o Bruno Kiefer. Uma iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e do Bannisul, contudo, garantiu alguns milhões de reais que permitiram a recuperação de boa parte dos monumentos danificados pelas cheias, aí incluídos os teatros. Com isso, a CCMQ retomou com certa rapidez a sua programação.

O Teatro São Pedro, por estar localizado no alto de uma colina em que se concentram os prédios dos poderes públicos, foi poupado pela enchente, ainda que, para variar, a falta de energia elétrica tenha feito com que o terceiro subpiso do estacionamento tenha sido invadido por águas de esgotos que eram jogados a partir das redes pluviais. Felizmente, logo que a energia elétrica retornou - e isso foi relativamente rápido, porque envolvia o Palácio do Governo - o teatro acionou suas bombas e logo o espaço estava recuperado.

O velho Teatro do Ipê, situado próximo

à Borges de Medeiros, ainda que sem estar funcionando há quase uma década, tinha a retomada de suas obras programada pela Sedac, o que acabou atrasando, mas não sendo abandonado. Assim, pretende-se que, ao longo de 2025, aquela simpática sala possa retornar às atividades.

O Teatro de Arena, pelo mesmo motivo de se situar na parte alta de cidade, foi poupado pelas chuvas e, neste caso, também pelos esgotos, o mesmo ocorrendo com o Teatro do CHC Santa Casa. Deste modo, a cidade ficou, num primeiro momento, apenas com dois espaços disponíveis, já que o Teatro de Arena já estava fechado para obras de recuperação. Sobrou-nos o espaço do Teatro São Pedro - e seu espaço mais jovem, o Teatro Olga Reverbel - e o da Santa Casa. Já no segundo semestre, as duas salas da CCMQ foram reabertas.

Evidentemente que o fechamento dos teatros não foi o único problema. Boa parte dos grupos artísticos da cidade foram afetados pela enchente, pois possuíam sedes em regiões cujas locações são mais baratas, e estas sofreram a invasão das águas. Seja como for, iniciativas da Assembleia Legislativa e do governo do Estado (este numa ação decisiva e efetivamente bastante influente), além de algumas ações do governo federal, através do Minc, buscaram dar apoio para que tais agrupamentos retomassem suas atividades. O resultado foi uma série de festivais promovidos sobretudo no Teatro São Pedro, garantindo, ao público, espetáculos gratuitos e, aos grupos, cachês de valores bastante superiores aos comumente praticados no mercado.

Por fim, o fluxo de espetáculos do centro do País sofreu um prejuízo significativo, sobretudo com o fechamento do Aeroporto Salgado Filho. Só nos últimos meses do ano, algumas companhias ousaram viajar para o Sul, assim mesmo enfrentando dificuldades de patrocínio e apenas quando o aeroporto começou a funcionar com maior regularidade, pois os custos de locomoção e transporte de cenários se mostraram extremamente onerosos.

Em resumo, foi uma temporada muito difícil, mas onde um sentimento de cooperativismo e de vontade de voltar a fazer comandou os esforços de todos, resultando, ao final de contas, numa agenda que, sobretudo no segundo semestre, foi bastante dinâmica.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Tirania: origens e métodos

Três filmes produzidos recentemente e premiados em diversos festivais, além de frequentadores de cerimônias de premiação anuais em vários países, estão em exibição na cidade. Dois deles, *Ainda estou aqui* e *Tudo que imaginamos como luz*, há algum tempo; o terceiro, *A semente do fruto sagrado*, aparecendo como o primeiro lançamento importante do ano. Mais do que isso, a obra dirigida por Mohammad Rasoulof é um dos grandes, talvez o maior, de todos os filmes lançados aqui nos últimos meses. Assim como os outros dois, um brasileiro e outro indiano, esse trabalho, realizado clandestinamente no Irã e assumido pela Alemanha que o indicou para a disputa do Oscar internacional, trata do tema da opressão e coloca mulheres no centro do drama. O fato do diretor ter se exilado naquele país europeu, depois de uma fuga de sua nação de origem, onde já havia sido condenado antes por posições contrárias à política dos aiatolás, deu direito às autoridades do cinema germânico indicarem o filme. Trata-se de um trabalho excepcional, dotado de força incomum em sua denúncia das arbitrariedades praticadas principalmente contra mulheres, partindo de um caso verídico em que uma jovem, por usar de forma não autorizada o véu e deixando à mostra parte dos cabelos foi conduzida a uma delegacia onde teria morrido após ter sido torturada. O regime alega que ela sofreu um ataque cardíaco, mas o fato deu origem a protestos classificados pelo governo como organizados por desordeiros. Muitos vídeos registrando os protestos são utilizados por Rasoulof em seu filme, o que faz que ele se transforme, em alguns momentos, num documentário sobre a repressão.

Distante de qualquer maniqueísmo e superficialidade, o filme é duro na crítica, mas não se limita a um ataque oportuno e corajoso à teocracia. Ao colocar uma família no centro da narrativa, o filme desenvolve e aprofunda o tema da agressividade desde o começo, quando o pai, um funcionário da justiça e homem que procura se manter íntegro e justo, é promovido e passa a ter direito de portar uma arma, que ele, com certo orgulho, mostra para a esposa, como se tal objeto fosse um símbolo

de sucesso e poder. Depois que ele fica sabendo que seu antecessor fora dispensado por se negar a assinar uma pena de morte claramente injusta, passa a se adaptar às regras dominantes, a fim de manter sua posição. É o momento do choque de gerações e de ser exposta a contradição de um regime autoritário conviver com modernas tecnologias de comunicação entre pessoas não devidamente controladas. É dentro da própria família que o drama maior se desenvolve. A mãe tenta controlar a insatisfação das filhas e o drama do marido, que aos poucos vai sendo dominado pela tirania e tomado por uma agressividade que a companheira, mesmo cortando o cabelo deste Sansão dominado pelo mal, não consegue controlar. O notável neste filme admirável é que seu realizador se aproxima da violência ao mostrar sua origem no núcleo fundamental, quando este se transforma em cenário erguido pela inversão de valores: a violência no lugar da disciplina, a brutalidade em vez da busca de um diálogo esclarecedor.

E há momentos em que dificilmente deixarão o espectador indiferente, como o que registra a brutalidade e seus efeitos no rosto de uma menina e o interrogatório das três mulheres, feito por um amigo da família, então transformado em burocrata indiferente a qualquer pedido gerado pelo medo. Eis um filme que enquadra com rigor qualquer regime autoritário, certamente porque o liga a impulsos cuja origem se encontra no ser humano acuado e transformado em indivíduo ameaçado. O cenário da sequência final transfere a ação para um mundo primitivo, ainda não disciplinado pela civilização. Foge, portanto, de acusações destinadas a expor apenas distorções e atrocidades transformadas em rituais permitidos por leis não escritas. Alguns cineastas iranianos costumavam utilizar crianças como personagens controlados para falar do autoritarismo. Mas agora, com este filme poderoso e incomum, o cinema fala diretamente ao espectador sobre os métodos do despotismo. Utiliza um país para falar do mal maior. Mas não se deixa enquadrar por limites. A denúncia é direta e também universal.